

M. K. OLIVER

O GUIA DE  
UMA  
SOCIOPATA  
PARA UM  
CASAMENTO  
BEM-SUCEDIDO

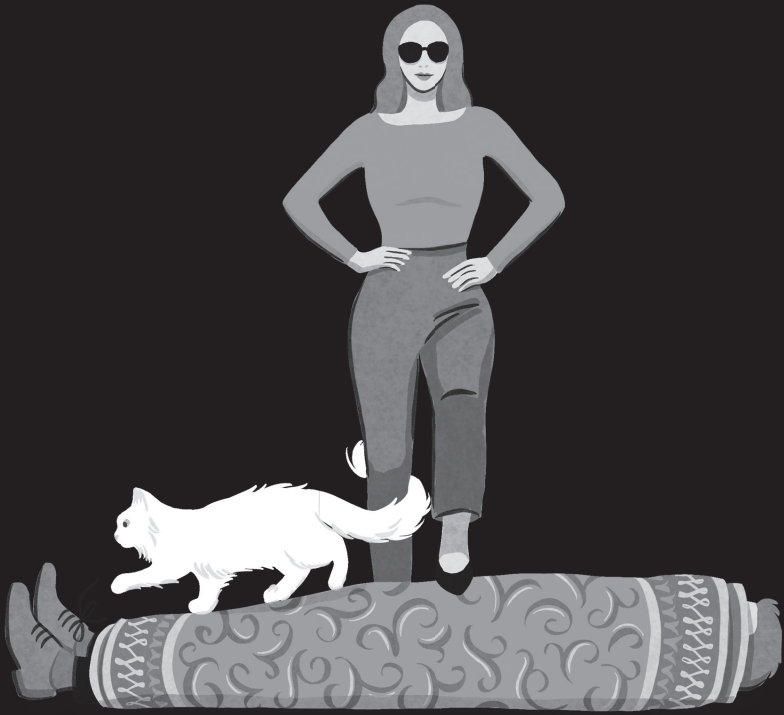


**M. K. OLIVER**

Tradução de Luciana Dias

**O GUIA DE  
UMA  
SOCIOPATA  
PARA UM  
CASAMENTO  
BEM-SUCEDIDO**

*Para minha mãe, que teria amado e se  
encantado muito com tudo isto aqui.*



Um gato, por interesse próprio, às vezes esconde sua misantropia sob a aparência de uma gentileza amável; em vez de arrancar o que deseja da mão do dono, ele se aproxima com um ar afetuoso, esfrega sua bela cabecinha e estica uma pata cujo toque é macio como penugem. Quando consegue o que quer, ele assume seu personagem de Timon; e essa astúcia, no gato, é chamada de hipocrisia. Para nós mesmos, damos outro nome, polidez, e quem não a usasse para esconder os próprios sentimentos seria logo descartado da sociedade.

*Emily Brontë*

PARTE UM

---

# RECAÍDA

Quando somos agredidos sem nenhuma razão, devemos revidar com muita força; tenho certeza disso — com tanta força que ensine à pessoa a nunca mais nos agredir.

*Charlotte Brontë*



# I. VISITANTE

---

*Sexta-feira, 15 de novembro*

Muswell Hill é um subúrbio arborizado numa colina com vista para o norte de Londres. Não é Hampstead ou Highgate, claro, mas uma casa de cinco quartos em uma das suas localizações mais privilegiadas custa mais de 2 milhões de libras.

Moro com meu marido e meus dois filhos na Ennerdable Avenue, 44, uma rua bastante cobijada e ladeada de árvores perto das lojas da Broadway e dos espaços verdes abertos do Alexandra Palace. Fica a uma curta distância a pé de três boas escolas, e, na primavera, a rua fica repleta de cerejeiras em flor.

Nossa casa tem arquitetura eduardiana com todas as suas características originais. Lareiras de mármore, vitrais coloridos e sancas decoradas por todo lado, e ainda acrescentamos a indispensável ampliação da cozinha projetada por um arquiteto. É a combinação perfeita de charme da época e estilo contemporâneo.

A casa ostenta portas de vidro panorâmicas do chão ao teto, um grandioso jardim virado para o sul, cinco quartos amplos e elegantemente mobiliados, três banheiros requintados e duas salas de visita bem iluminadas — uma das quais contém atualmente um cadáver.

Não chamei a polícia porque fui eu que o esfaqueei. Sete vezes ao todo; sem dúvida, as autoridades vão chamar de *exagero*. A verdade é que é surpreendentemente difícil matar alguém com uma faca de legumes. Mas, como eu estava preparando palitos de cenoura na hora, era só o que eu tinha à mão. Portanto, as feridas dois a sete tiveram mais a ver com uma vontade de evitar qualquer interrupção na festa de aniversário de Nathan do que com qualquer impulso psicótico.

Para ser clara, não estou me eximindo da responsabilidade, nem estou bêbada ou sob influência de qualquer tipo de droga. Posso assegurar que

eu não conseguiria presidir o comitê da feira de inverno da escola se não estivesse o tempo todo na minha melhor forma. Além disso, qualquer médico legista que se preze confirmaria que a artéria axilar foi seccionada com bastante precisão — uma incisão cirúrgica, e não impulsiva, e estou bem orgulhosa da minha firmeza depois de tantos anos de autocontrole.

O vaso sanguíneo em questão fica escondido embaixo da axila e costuma ser bem inacessível, mas, quando alguém agarra você pelo pescoço e tenta estrangulá-lo, ele se torna um bom alvo. Dá para enfiar a lâmina para cima, puxá-la para trás, *et voilà*.

É bem verdade que tenho andado meio nervosa ultimamente: os testes de admissão de Nelly, por um lado, a interferência de minha sogra nas nossas vidas, por outro. Sem mencionar Stephen parando toda a sua atividade conjugal, o que não ajudou em nada o meu humor.

Caso você esteja imaginando, o homem morto não é meu marido. Fico bastante ressentida da falta de sexo, mas eu não o mataria por isso. Pelo menos ainda não. O que mais me irrita é sua falta de coragem. Eu lhe dei a tarefa de virar sócio há um ano, e ele ainda está tentando. É perturbador quando trabalhamos duro para construir um casamento bem-sucedido, e nosso marido não consegue cumprir com a parte dele no acordo. O aumento de renda é essencial para meu plano de me mudar para Hampstead e ter o terceiro filho. Nosso casamento depende disso.

Falando em filhos, Nathan, que está fazendo quatro anos hoje, dormiu o tempo todo durante o acontecido, o que é um alívio já que ele fica mal-humorado quando sua soneca é interrompida. Meus amigos e os filhos deles chegam em menos de trinta minutos, e eu preciso terminar os quitutes da festa, dobrar os guardanapos orgânicos e trazer duas garrafas de vinho branco da adega. E, agora, também preciso trocar de roupa e, de alguma maneira, me livrar do corpo.

Isso me causa certo dilema. Devo cancelar a festa e encarar a ira de Sophie, que acredita que o acesso regular a um vinho branco gelado é um direito humano inalienável, ou simplesmente devo fechar a porta e lidar com o corpo depois de pegar Nelly na escola? Como escolhemos não estender nossa cozinha americana até a sala, tenho a opção de isolar a área com uma plaquinha de “Entrada proibida”.

Eu me repreendo por ser tão indecisa, mas, em minha defesa, não precisei lidar com esse tipo de situação desde que eu e Stephen nos casamos, sete anos atrás, e, desde que os filhos chegaram, bem, eu não teria energia para isso de qualquer maneira. Eu me perguntei muitas vezes se me tornar

mãe havia me amolecido, mas, olhando para o cadáver desfigurado a meu lado, acho que é difícil afirmar algo assim.

Depois de considerar minhas opções, decido seguir com a festa de aniversário de Nathan. Só o bolo custou quase 400 libras, e eu detestaria desperdiçar a oportunidade de fingir que o talento de outra pessoa é meu. De qualquer modo, o corpo não vai a lugar nenhum, e se eu deixar alguma coisa escapar da minha lista de tarefas hoje, não há como saber onde estarei até o fim da semana.

Só preciso me ajeitar um pouco, já que pareço ter visitado um abatedouro no Ladies' Day. Pela minha estimativa, deve haver litros de sangue no meu tapete persa e no meu piso de tacos, sem mencionar o meu vestido de alta-costura. Abro o zíper e deixo o vestido cair, formando um monte de seda a meus pés. O sangue ensopou até minha roupa de baixo, e isso também vai ter que sumir.

Tirando aos chutes meus sapatos de salto alto com respingos, me levanto pelada em meio a esses restos humanos. Por um momento, sinto um pouco de pena de mim mesma, porque eu amava muito aquele vestido, e nenhuma lavanderia no mundo vai remover todas as evidências forenses. O mesmo vale para as 9 mil libras gastas em lã de ovelha persa tingida.

Quando saio, percebo salpicos finos de sangue na parede que quase secaram até um vermelho amarronzado, e de repente estou olhando para a pintura, que foi feita ano passado em grafite cinza e bege, e me dou conta de que essa é uma oportunidade maravilhosa para um novo esquema de cores.

## 2. MONSTROS

---

A campanha não para de tocar. Corro escada abaixo com Nathan se debatendo no meu colo, segurando as orelhas todo dramático. Se for a polícia, vou retirar tudo o que eu sempre disse sobre a capacidade deles.

Consegui tomar um banho rápido e coloquei uma blusa de seda creme com uma pantalonada escura. Não é uma roupa de festa, mas vale a pena facilitar as coisas. Até tentei algumas expressões faciais novas no espelho enquanto reaplicava a maquiagem. Parecer encantada quando nosso filho ganha mais uma monstruosidade de plástico é um desafio, mas o YouTube ajuda bastante.

Encontro Sophie balançando em nossos degraus de pedra, usando uma jaqueta puffer meio manchada, uma blusa de gola alta rosa e surrada, calça jeans desbotada e botas de cano baixo gastas. Olhando pelo lado positivo, ela tem um lindo cabelo comprido e olhos que nos fazem sentir adorados.

Ela está levantando Jethro até a campanha com um braço, enquanto carrega uma sacola de mercado cheia de presentes no outro. Ela faz uma careta que não reconheço de imediato. Existem 16 principais expressões faciais no repertório humano, e aprendi a ler todas quando usadas individualmente, mas até mesmo agora peno quando as pessoas usam várias de uma vez só. Embora seja aceitável pedir que repitam palavras, pedir que repitam expressões faciais é considerado estranho.

— Desculpe, Lalla querida, preciso ir ao banheiro agora.

— Quem não ama uma campanha que não para de tocar? — respondo e tiro o dedo sujo de Jethro da campanha. Só ver Sophie já me enche de calma. Apesar de ela dizer que eu vivo até demais *no espectro*, gosto dela. Acho que talvez seja por ela ser tão fracassada.

— Se eu fizesse isso lá na Tor, ela acabaria me prendendo por estragar os ouvidos dos filhos dela *com dons musicais*. — Sophie imita as vogais de Tor com perfeição.

— Você pode tocar minha campainha a qualquer hora. — Dou uma piscadela para ela. — De qualquer maneira, Tor ainda está se recuperando de seu “retiro no spa” na Suíça.

— Estou fazendo apostas sobre o que ela fez — diz Sophie, beijando minha bochecha.

Sinto cheiro de perfume-de-maternidade: café, giz de cera, lenço umedecido e vinho branco.

— Aposto 20 libras em botox. Já faz semanas que ela anda reclamando das linhas do pescoço.

— Sem querer ser grossa, querida, mas Nathan deixou metade do almoço na sua orelha — ri Sophie, apontando para minha cabeça.

— Nathan adora cuspir comida para todo lado — digo, tirando às pressas um floco crocante que imagino ser sangue seco.

Balanço Nathan com um gesto que espero que expresse afeição maternal. Ele aperta minha bochecha em retribuição, mas só sinto uma leve irritação. Na verdade, ainda estou tentando me conectar com ele, e está sendo um inferno.

Sophie ama com facilidade e sem discernimento. Ela se conectou até mesmo com o filho irritantemente perfeito de seu companheiro. Eu e meus filhos sobrevivemos com familiaridade e rotina. Mas se o amor é um afeto contínuo e irracional em face de decepções reiteradas, então eu amo muito meus filhos. E quem sabe até mesmo Stephen.

Amar qualquer coisa tão exigente, barulhenta e errática como uma criança parece bem heroico para mim. É esperado que as mães reajam com alegria e prazer a partir do momento em que um filho nasce. Tudo que eu senti foi um vago ressentimento por esse parasita ter vivido dentro de mim por tanto tempo sem pagar um tostão de aluguel.

— Feliz aniversário, pequeno Nate, você é um amor. — Sophie aperta a bochecha gorda de Nathan, que enterra a cabeça no meu peito.

— Desculpe, ele não gosta de nada até tomar a primeira mamadeira de leite orgânico de amêndoas.

— Ah, eu sou igualzinha — diz Sophie. — Agora, enquanto eu estiver no banheiro, abra uma garrafa, e aí a gente pode tomar uma antes de Aisha chegar e começar a me culpar.

— Todo mundo tem uma cruz para carregar. Você tem vinho, Cait tem Owen, Aisha tem ioga, e eu tenho uma beleza de tirar o fôlego — digo, e Sophie ri apesar de eu estar falando sério, depois enfia a sacola de presentes mal-embalados em minha mão livre e sai correndo para o banheiro.

Coloco Nathan no chão e dou um tapinha na cabeça dele com o máximo de gentileza que consigo. Ele sai correndo para a cozinha com os presentes. Espero que Jethro o siga. Em vez disso, ele esfrega meleca na bochecha e puxa a maçaneta da porta do banheiro (as mães não têm permissão de uma pausa para o banheiro). Ele então avista Purdy, minha gata angorá, descendo de fininho a escada como uma debutante que chega a um baile.

— Gato! — grita Jethro, e corre na direção dela.

Purdy fica indiferente, apressa seus passos com elegância e empurra a porta da sala. Seu rabo felpudo desaparece pelo vão conforme ela se encaminha para seu lugar preferido para pegar sol. Jethro sai correndo atrás dela e bate com o ombro na porta.

A não ser que eu o detenha, ele está prestes a vivenciar seu primeiro trauma significativo.

— Não! — berro.

Ele para na hora, se vira e me encara, seu rosto é um miasma cubista de medo e vergonha.

— Tem um monstro dormindo ali — sussurro, fechando a porta. — Se você o acordar, ele vai ficar com muita fome. Sabe o que ele gosta de comer?

Jethro arregala os olhos e balança a cabeça.

— Garotinhos — digo, com uma expressão fria e vazia.

Jethro estremece, com os olhos grudados na porta, quando ouvimos um som baixo de arranhar vindo do outro lado.

— Você acordou o monstro — digo, com o rosto exagerado numa expressão falsa de medo.

Os olhos de Jethro se enrugam, e ele dispara pelo corredor, gritando. Abro a porta, e Purdy sai toda imponente, deixando um rastro de patinhas vermelhas nas lajotas brilhantes do piso.

## 3. VINHO BRANCO

---

Estamos todas reunidas em volta de minha grande ilha da cozinha (mármore italiano). Entre nós há uma garrafa aberta e gelada de um vinho branco mineral, que deve ser bom demais para Sophie, mas a gente tenta melhorar as pessoas quando pode. Se fosse uma corrida de bebida, Sophie estaria mergulhando para a linha de chegada, Aisha estaria dando uma corridinha com sua roupa de ginástica, enquanto Cait estaria na linha de largada amarrando os cadarços.

Uma montanha espalhada de presentes abandonados está na mesa brilhante e colorida da festa. As crianças foram todas para fora atrás de Nathan, que está com uma caixa de papelão na cabeça. Uma pilha desordenada de papel de presente está fazendo todas se sentirem culpadas (três comentários até agora, dois de Aisha), e nós logo mudamos para a conversa sobre se “dá para reciclar papel de presente ou você já tentou tecidos de embrulho japoneses reutilizáveis?” de novo, o que, por si só, já deve salvar diversas florestas.

Conforme conversamos, dobro cada pedaço de papel de presente numa pilha arrumada e amarro com uma fita. Digo as minhas amigas que irei reutilizá-los, mas não vou, não. Isso leva a uma discussão sobre como os pais de todo mundo costumavam guardar pedaços de barbante, fazer refeições com as sobras de gordura animal e compartilhar o banho. Bons tempos.

— Está ouvindo alguém chamando? — pergunta Aisha, e todas nós ficamos quietas. Ouvimos um choro lamentoso vindo da direção do corredor.

— É só Purdy — digo, mais esperançosa do que ansiosa, mas ela mia algumas vezes como se estivesse no último ato de uma ópera.

Depois de uma rápida checagem no homem na sala, que não se moveu nem um centímetro, decido que preciso focar em coisas mais felizes e pegar o bolo.

Bolos caseiros de aniversário são diretamente proporcionais ao amor parental, então é importante dedicar os recursos apropriados. Um bolo de

supermercado, mesmo que a gente acabe escolhendo a opção mais cara, simplesmente não vai expressar o nível necessário de devoção materna. Assei e joguei fora um pãozinho de ló mais cedo — o aroma acrescenta autenticidade à farsa.

Volto para a cozinha e coloco minha obra de arte na mesa para todos admirarem antes de as crianças chegarem para desfazer todo o trabalho. É uma superprodução com tema do Ursinho Pooh, com o Pooh, o Leitão e o Ió na festa de aniversário do Ió. Minhas amigas murmuram palavras de aprovação. Soltam até um suspiro baixo.

Existem dois tipos de festas de criança: a de primeira e a de segunda linha. A de segunda linha envolve convidar cada membro da sala de seu filho, fica inevitavelmente lotada e desgastante, e utiliza salgadinhos ultraprocessados e bolo de supermercado. A festa de primeira é para amigos selecionados e se caracteriza por vinho bom, pastinhas, crianças se divertindo sozinhas e um bolo para ostentação.

— Ai, meu Deus, Lalla, está lindo demais! — exclama Sophie. — Como foi que você fez?

— Tentativa e erro... Não está tão bom quanto parece, mas o marzipã e o glacê escondem muitas falhas — digo, balançando a cabeça de uma maneira autodepreciativa.

— O brilho no pote de mel parece quase real — diz Aisha, se inclinndo para mais perto com um olhar de artista vendo os detalhes.

Até mesmo em novembro, Aisha é uma imagem vívida de saúde: pele perfeita, corte chanel escuro e brilhante, maçãs do rosto esculpidas e níveis de energia ilimitados. Ela vive usando roupa cara de academia, que exhibe seu corpo impressionantemente definido. Tem três filhos excessivamente inteligentes, administra seu próprio negócio de design e é casada com um cardiologista. Também é infalivelmente simpática com todos, então tentamos ao máximo não a odiar demais.

— Segredo profissional — respondo e coloco o braço em volta do ombro dela da mesma maneira que vejo medalhistas de ouro olímpicas fazerem com quem perdeu.

Entretanto, a réplica de Aisha do Castelo de Hogwarts no aniversário de seis anos do filho dela ainda reina supremo. Acho que nenhuma de nós tinha visto um candelabro aceso dentro de um bolo antes.

— Amei — diz Cait, encarando desejosamente o porquinho de camisa listrada com uma fungada de autocompaixão.

Cait é como o Leitão, mas sem a energia ou o entusiasmo. É baixinha e magra, e sua afeição pelas roupas estilo camponesa largas demais não

a ajuda em nada. Com a pele clara e o cabelo ruivo comprido, ela parece um palito de fósforo.

Era supostamente feliz no casamento até revelar que seu charmoso e espirituoso marido, Owen, era um abusador sistemático. Ele foi preso, seguiu-se um processo judicial, e ele recebeu uma suspensão de pena e uma medida restritiva, o que o mantém longe dela agora. Sobraram para Cait as duas filhas gêmeas de cabelo cor de fogo, uma casa desarrumada e um medo paralisante quase permanente.

— Todo mundo ama o Leitão — digo e sorrio para ela.

Cait tenta sorrir de volta, mas sua expressão é mais como a de alguém prestes a dizer que foi diagnosticada com uma doença incurável, então o impacto é limitado. Em contrapartida, Cait tem uma paixão — uma obsessão mórbida por crimes reais que ela despeja num podcast sério que tem dois seguidores (um deles é a mãe dela).

Não conto as minhas queridas amigas que mandei fazer o bolo personalizado, a um custo elevado, numa confeitaria de luxo em Mayfair. Pedi que fizessem parecer meio caseiro para que se tornasse mais crível. Pelo visto não é nem um pedido incomum. Eles até entregaram em uma van sem logotipo para evitar a identificação.

Tomamos vinho branco, observamos nossos filhos em um raro momento de calma feliz e admiramos o belo jardim paisagístico projetado pelo charmoso Luca, embora seus esforços tenham sido arruinados por uma variedade de escorregadores e balanços, assim como o novo pula-pula que Stephen comprou para o aniversário de Nathan. Nós objetificamos descaradamente o pobre homem, mas não é nossa culpa: ele fala com um sotaque italiano e sabe como manejar um machado. Enquanto isso, nossos maridos ficam cada vez mais irritados com infrações de estacionamento proibido e coleta de lixo.

Nathan está desenterrando bulbos de tulipas com Jethro. As gêmeas de Cait estão pulando juntas no pula-pula e dando risadinhas histéricas. O filho de Aisha está completando o sudoku do jornal *Telegraph* do último sábado que Stephen não conseguiu terminar. É um raro dia ensolarado de meados de novembro; até as árvores parecem elegantemente compostas.

— Seu jardim ainda está bonito — diz Aisha, observando-o. — O nosso está todo coberto de folhas.

— Luca faz a maior parte do trabalho, mas Stephen atacou o alfeneiro com muita agressividade no fim de semana — respondo. — A pressão do processo de sociedade no banco deve estar mexendo com ele.

— Vai ver ele só gosta de um arbusto bem podado — diz Sophie, meio irritada, apontando para nossa cerca-viva pelada. Todo mundo ri. Todo

mundo, menos Cait, que ainda está encarando o próprio celular, provavelmente encontrando furos em alguma investigação policial como os detetives de sofá gostam tanto de fazer.

— Enfim, nem posso criticar, vou encontrar um caso antigo hoje à noite, aí vou ter que pegar o barbeador — diz Sophie.

Ela tem um trabalho de meio período como professora de escola no ensino médio, o que explica seu hábito de beber, claro, mas também uma pessoa tão bonita se vestiria com roupas tão decepcionantes?

— Ah, e como é que isso vai ajudar? — pergunta Aisha, nossa fria bússola moral. — Não dá para ficar jogando mais lenha na fogueira, a gente tem que apagar incêndios.

— Pois eu não quero um cobertor. Quero que ele se lembre de não achar que *isto* aqui está garantido! — Sophie empina o próprio peito e levanta a taça de vinho. — Mas fazer ciúmes nele seria muito mais fácil se os homens fossem um pouco mais fascinantes.

— Por que você mesma não pede, se te incomoda tanto assim? — pergunta Aisha.

— Pedir para ele casar comigo? — pergunta Sophie, chocada. — Não vou me humilhar assim.

— Por que é tão importante se casar? — indaga Aisha.

— Porque ele se casou com ela — diz Sophie, a bebida permite mais honestidade do que o normal. Seu companheiro, Paolo, também é professor (chefe do departamento de geografia, 47 anos, mas não tão desinteressante quanto parece), e sua primeira mulher morreu, mas eu não tive nada a ver com isso (foi câncer). Sophie conheceu Paolo quando ele ainda estava de luto, e ela ficou grávida de Jethro logo depois, mas Sophie ainda se sente em segundo lugar em relação à esposa falecida.

— Vocês deveriam tentar terapia de casal — diz Aisha.

— Não quero ninguém fuxicando partes minhas que eu mesma não consigo fuxicar — responde Sophie, arqueando as sobrancelhas.

— Daria até para apostar que é bem o que você está caçando — falo.

Algumas das minhas piadas são bem-sucedidas, mas nem todas. Insi-nuação sexual é um ganho fácil em situações sociais. Bem menos em uma entrevista de emprego, como descobri certa vez.

Todas estão rindo quando Cait de repente dá um salto e solta um ar-quejo. Um breve ataque de pânico, ou talvez um incômodo. Ela segura o celular como se estivesse prevendo uma tragédia.

— O que foi, Cait? — pergunta Aisha.

— Ele esteve na porra da minha casa na noite passada! — exclama ela.

## 4. OWEN

---

Cerca de dezoito meses atrás, eu e Cait estávamos sentadas ao sol, observando nossos filhos brincando juntos no tanque de areia em Highgate Wood, quando lhe perguntei:

— O que vai acontecer com as meninas se ele acabar te matando?

Cait pareceu bem surpresa pela pergunta, mas eu tinha um faro para coisas assim, e o hábito de Cait de se cobrir até nos dias mais quentes significava que ela estava escondendo uma eclosão de eczemas ou hematomas. Com uma espada infantil rosa na mão, Cait explicou de forma bem objetiva e sem choro algum como Owen a socava e a chutava, e, mais recentemente, começou a estrangulá-la.

Sugeri várias soluções rápidas usando itens cotidianos da casa (água sanitária, ferro de passar roupa, até mesmo a chaleira, a minha preferida), mas todas foram rejeitadas. A certa altura até me ofereci para fazer eu mesma, e Cait riu. Como ela não estava disposta a fazer nada, eu lhe disse para tirar fotos, tomar notas e gravar o máximo que pudesse, o que ela fez com uma minuciosidade impressionante, e escondeu tudo enrolado na cabeceira da sua cama até o material ser requisitado pela justiça.

Eu os encontrei no outono, em uma festa da escola, trabalhando lado a lado numa banca de itens de segunda mão. A imagem de uma família unida. Perguntei para Owen, bem alto, por que ele batia na mulher e se pretendia parar. Ele tentou me calar aos gritos, mas eu sabia de tantos detalhes que Cait tinha dividido comigo, e havia um público tão grande de outros pais, que não parei até a polícia chegar. Ele não foi mais com a minha cara depois disso, mas certa vez alguém também tentou me machucar. A diferença foi que, comigo, foi só uma vez.

— Quem esteve na sua casa? — pergunta Sophie, com o braço já em volta do ombro de Cait.

— Owen — diz Cait, tremendo agora. — E me mandou uma foto que ele tirou de mim dormindo na minha cama.

— Ele não pode chegar perto de você, pode? — pergunta Aisha. — Você tem uma ordem judicial.

— O número é anônimo. Ele me mandou outra mensagem na semana passada pedindo dinheiro. Diz que está devendo para umas pessoas ruins. Deve ser de jogatina de novo.

— Então essa foto é uma ameaça? — pergunto. — Ele invadiu sua casa, não é?

— O que mais poderia ser? — Cait abafa as lágrimas, depois pressiona o dedo no nariz. — Ele devia estar procurando dinheiro enquanto estávamos dormindo.

— Que canalha — diz Sophie. — Devia estar atrás das grades.

Cait olha para cima, com o rosto marcado pelo medo, as unhas arranhando o pescoço vermelho. Sophie está lhe dando um abraço apertado.

— Você precisa contar para a polícia agora mesmo — diz Aisha, mais sensata do que nunca.

— Mas eu não tenho provas de que é ele.

— Ele ainda tem a chave? — pergunta Sophie.

— Eu ia mandar trocar as fechaduras, mas são 200 libras. Achei que uma medida restritiva seria suficiente — diz Cait.

— Nunca é suficiente para homens assim — diz Sophie, fazendo carinho no cabelo ruivo e comprido de Cait.

Não entramos em mais detalhes, já que Jethro decide que quer a espada de Nathan e Nathan se opõe jogando terra na boca dele. Outras crianças tomam partido, e um pequeno conflito começa no quintal. Todas nós nos levantamos para intervir.

— Hora das bebidas! — chamo, tentando manter meu humor leve e alegre.

Uma horda de pessoazinhas para de brigar e vem correndo na minha direção na hora em que me levanto entre nossa volumosa geladeira de duas portas (meu marido parece pensar que somos americanos) e a pia bastante pitoresca e antiquada, para diluir um pouco de suco de amora e de framboesa. Se eu não diluisse, pelo menos duas outras mães aqui reagiriam como se eu estivesse dando veneno de rato para seus filhos.

Minha mente divaga para o homem morto enquanto sirvo a bebida vermelha-viva nos copinhos de bambu orgânico. Primeiro, presumi que ele era só um ladrão comum atrás de dinheiro, joias ou a chave do Porsche. Mas não parecia um ladrão. Estava com uma roupa bem elegante, mas talvez os ladrões sejam mais sofisticados quando roubam em Muswell Hill. Não, era outra coisa. A maneira como ele me olhou,

me reconhecendo. E por que me estrangulou? Por que simplesmente não fugiu?

Enquanto reflito, Jethro agarra a bandeja, e um copo cai para o lado. Sinto uma forte vontade de jogar o resto dos copos na cabeça dele. Vivo tendo essas vontades, mas aprendi a resistir e agora tenho um excelente autocontrole. Se não tivesse, eu provavelmente seria viúva agora. Em vez disso, sussurro a palavra “monstro”, e Jethro começa a uivar de novo. Nathan, que consumiu açúcar demais, começa a chorar com ele. Sophie se levanta, olha para o filho, e depois se vira e vai até sua bolsa, procurando o cigarro eletrônico.

Estou correndo na direção do meu filho quando ouço o celular de Cait vibrar de novo e, pelo canto do olho, eu a vejo saltar e sair correndo para o hall. Suspeito que Owen tenha mandado uma mensagem ainda mais repugnante, mas não consigo ir atrás dela porque acabei de agarrar Nathan, e ele está se debatendo como um carneiro prestes a ser tosquiado.

— Na sala não, Cait! — grito.

Mesmo que eu tivesse os poderes criativos de Aisha, acho que eu não conseguiria inventar alguma coisa crível se Cait topasse com um cadáver fresco.

— Pare — falo ríspida para Nathan, enquanto ele puxa meu lábio para baixo com seus dedos imundos. Eu o coloco com firmeza no chão e corro para a porta.

Estou apenas na metade da cozinha quando um grito estridente ecoa do hall.